

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 25 - número 50 - outubro 2016

vol. 25 - número 50 - outubro 2016

Fundação Eng. António de Almeida



## RECENSÕES

Steiner, Rudolf. *Schriften. Kritische Ausgabe (SKA). Band 2: Philosophische Schriften. Wahrheit und Wissenschaft – Die Philosophie der Freiheit*. Edição e comentários de Christian Clement. Com Prefácio de Eckart Förster. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2015. CXXXVI + 413 pp.

O segundo volume das edições críticas dos escritos de Rudolf Steiner aqui em apreço compreende os seus trabalhos filosóficos publicados antes da inflexão esotérica e teosófica que conduzirá o filósofo austríaco à composição da Antroposofia. Iniciado em 2013, o projecto do estudo crítico da obra de Steiner é composto por oito volumes que facultam uma nova e informada plataforma de acesso a uma obra que, apesar de nunca ter submergido no mar da obscuridade, raras vezes foi acedida fora de um denso véu da polémica. Nela se evidencia a originalidade de um percurso filosófico que é lícito considerar como um dos precursores mais originais do materialismo especulativo.

Tal como ocorre nos demais volumes, a edição está a cargo de Christian Clement, especialista em cultura e literatura germânica que se dedicou ao estudo das influências e da evolução da obra de Steiner, sendo também administrador do Rudolf Steiner Online Archiv. Além de contextualizar a produção de *Verdade e Ciência* (1892) e *d'A Filosofia da Liberdade* (1894) na sequência da maturação teórica de Steiner, a qual revela à luz da sua inscrição na biografia de Steiner, particularmente do período vienense, Clement levou a cabo um estudo exaustivo dos manuscritos originais e dos documentos que vertebraram aquelas obras. O grande mérito desta edição crítica consiste em acompanhar não somente a génese primeira daquelas obras, mas os fundamentos das modificações que as mesmas vêm a sofrer nas respectivas edições posteriores.

O editor não se poupou em comentários sobre a génese dos problemas filosóficos naqueles que Steiner tomou como seus interlocutores privilegiados – Goethe e Fichte – na constituição de um modelo peculiar de monismo ontológico e gnosiológico de consequências éticas. Expôs o desenrolar da relação com os seus mentores, sobretudo E. von Hartmann, mas também o germinar das afinidades, ainda não declaradas, que evidenciarão nas reedições dos dois trabalhos contidos neste volume, com o individualismo vitalista de M. Stirner e Nietzsche.

O livro abre com um prólogo de Eckart Förster, eminente intérprete da recepção do idealismo alemão e da Antroposofia, que salienta a considerável lacuna que a edição crítica dos escritos filosóficos de Steiner vem suprir. Recorde-se que, apesar da deriva do autor, *A Filosofia da Liberdade* continuará a ser tomada por Steiner como um de seus principais escritos, edifício alicerçado no projecto doutoral que culmina na publicação de *Verdade e Ciência*. Mas essa subscrição tem por pano de fundo a reedição desse mesmo trabalho passado um quarto de século, a qual efectua alterações de fundo no conteúdo e no espírito das ideias, apesar de Steiner declarar que a mesma se manteve quase inalterada [“im Wesentlichen fast ganz unverändert” (p. 80)]. Na verdade, como o revela a meticulosa leitura “genealógica” empreendida por Clement, que compõe retrospectivamente o puzzle das alterações a partir de diferentes manuscritos e edições, trata-se de um trabalho em curso, do qual seria até expectável uma metamorfose subsequente.

Förster é peremptório quanto às legítimas expectativas suscitadas pela recuperação destes escritos, elas devem concentrar-se não tanto no rigor interpretativo de autores consagrados do Empirismo e do Idealismo alemão, mas naquele que é o núcleo programático de *Verdade e Ciência*, aí reificado a partir de escritos anteriores relativos a uma mundividência de inspiração goethiana. Aquela que Förster destaca como sendo a continuidade de fundo, que garante ao idealismo objectivo steineriano a sua subsistência é um firme comprometimento com o pensamento puro [*Reines Denken*] que remonta à tradição platónica. Deste depende a possibilidade de cumprir o desígnio filosófico que a si mesmo prescreve e que podemos apresentar – assumindo o risco de o adulterar por via de uma actualização do léxico filosófico – como modelo de auto-referencialidade cognitiva empenhado em retirar as consequências gnosiológicas, éticas e estéticas da sua participação (e criação) na realidade observada.

Nas duas obras que constituem o volume, Steiner propõe uma concepção de observação (e pensamento) capaz de suprimir todo o tipo de dualismo, desde logo a distinção entre fenómeno e númeno. É essa possibilidade que estrutura a divisão mesma de *Filosofia da Liberdade*. Primeiramente é necessário assegurar os fundamentos de um conhecimento exaustivo da causalidade material, o que depende de uma conjugação entre a percepção como conhecimento do “aparente” e a concepção ideal, a capacidade do entendimento de aceder à compreensão do imanente. A segunda parte da obra está dependente desse projecto permitindo a inserção consciente do indivíduo no curso dos eventos e a intervenção activa no mesmo a partir da razão e da imaginação.

A centralidade dos mecanismos perceptivos e cognitivos como *via regia* de constituição de conhecimento diferencia tal monismo da versão materialista entretanto proposta por E. Haeckel. Contudo, o empenho de Steiner na defesa resoluta do biólogo face à Igreja instituída, que nele denuncia o romper de dogmas relativos à criação e à eternidade da alma, deixou vários intérpretes de Steiner perplexos. Como conciliar a sua doutrina cristológica com a subscrição do

materialismo evolucionista? As possíveis respostas para este enigma são apresentadas. O monismo é o pano de fundo de uma afirmação do individualismo ético que, paradoxalmente, denuncia a perda de uma legitimação última na própria realidade material. É aquela contradição maior que Steiner procurará atenuar na última edição do trabalho, ainda que nunca logrando a sua integral resolução num contínuo do seu próprio pensamento. A reabilitação da mundivisão monista inicial é feita às custas de concessões difíceis de harmonizar com a revelação espiritual que Steiner experimenta na transição para o século XX.

Apesar de quase um século volvido desde a sua 2ª edição e bem mais desde a redacção e dos debates que suscitou entre os seus contemporâneos, muito do questionamento basilar de Steiner insiste em seu ladear de questões ainda hoje relevantes. Retomemos alguns desses temas tendo em conta o modo como continuam a interpelar o labor filosófico contemporâneo. No cerne do seu empreendimento está a procura das condições de legitimação da experiência interior [*inneren Erfahrung*] não como complemento ou amanuense dos dados empíricos que a ciência apresenta de modo desgarrado, mas como método de aquisição e, sobretudo, de transformação activa do conhecimento científico e suas implicações. Se está hoje bem mais generalizada a convicção na “*ungesunden Kant-Glaubens*“ (p. 7), a soberania da visão materialista revela-se carente de um exercício crítico de auto-observação e avaliação. Por outro lado, não deve deixar de notar-se que, após o aparente descrédito da Psicologia introspectiva e mesmo da própria Fenomenologia descritiva, seus sucedâneos, esta incursão sobre a possibilidade de conhecimento emanando da vivência subjectiva, ainda hoje permanece objecto de debate. O desenvolvimento de técnicas cada vez mais precisas de mapeamento da actividade cerebral ao invés de pôr um termo à necessidade de aceder à compreensão do fluxo do pensamento, tornou a sua compreensão ainda mais premente.

A obra de Steiner pode ser lida como sintoma agudo da constatação da fragmentação de uma forma de saber universal de que Goethe fora um dos últimos representantes, protagonista de uma revolução na compreensão da dinâmica do todo orgânico similar à operada por Newton relativamente aos elementos inertes. Doravante a ciência tende por um lado a dividir-se em domínios regionais cada vez mais especializados, por outro a perder o vínculo com a própria reflexão filosófica que outrora laborava para lhe conferir legitimidade e propósito. Trata-se sem sombra de dúvidas de duas despedidas de difícil enlutamento para vários pensadores das gerações de Dilthey e Steiner. No caso de Steiner, estamos diante de uma certa pulsão para uma unidade do diverso herdeira do projecto filosófico schellingeano. Contudo, a sua rejeição resoluta dos limites ao conhecimento humano não cessa diante dos enigmas forçando-o a abandonar o caminho da ciência. Em grande medida o mérito de Clement passa pela laboriosa reconstrução desse percurso que se inicia com a conversão e remissão ao interior do espírito e termina na tentativa de recuperar uma visão do todo agora informada por aquela descoberta interior. A nova descrição da observação tem a marca

indelével das formas modernas de gnose fundadas na possibilidade de acesso a um ego superior caracterizado pela autonomia face às impressões provenientes da experiência sensorial.

Além de respeitar os mais elevados padrões de edição académica, sendo do-ravante imprescindível para um trabalho rigoroso sobre o núcleo do pensamento filosófico de R. Steiner, o minucioso trabalho de Clement expõe de modo exaustivo a transmutação operada no mesmo. Apesar de abundantes, os comentários do editor seguem-se aos textos originais, salvaguardando a integridade gráfica e conceptual do texto original. Ao mesmo tempo, a selecção de remissões a autores, temas e polémicas promove uma leitura mais abrangente da obra de Steiner. Seu volumoso caudal informativo não é represado num mostuário de erudição, como tão frequentemente ocorre em edições críticas, mas é posto ao serviço do dinamismo da clareza interpretativa. É de referir a título de exemplo o estudo comparativo das anotações que Hartmann efectuou à primeira edição de *Filosofia da Liberdade* e o modo como nos manuscritos, bem como na edição posterior, Steiner lhes procura responder, por vezes de modo oblíquo (pp. 287ss.).

Em grande medida o volume resgata a obra de Steiner do obscurecimento a que foi votada após a incursão esotérica, a qual justificou também a sua proscricção definitiva dos círculos académicos. Por outro lado, a edição deste volume deixa entrever a possibilidade de uma reconsideração da Antroposofia, em particular as suas reconhecidas expressões na arte, na arquitectura e na terapia, por parte da Filosofia.

Cláudio Alexandre S. Carvalho

Marques, António. *A Filosofia e o Mal: Banalidade e Radicalidade do Mal de Hannah Arendt a Kant*, Lisboa: Relógio D'água Editora, 2015, 126pp.

O livro *A Filosofia e o Mal* de António Marques dedica-se de forma salutar à questão do mal na filosofia de Arendt, mais especificamente ao livro da autora: *Eichmann em Jerusalém*. A análise se desenvolve de forma respeitosa à filósofa, sempre a destacar a importância de sua reflexão enfatizando a grande pensadora política que foi, mas de forma a demonstrar seu domínio ao evidenciar para além dos pontos fortes as fragilidades no discurso da autora.

Dividido em nove capítulos, o livro busca estabelecer um diálogo com as várias problemáticas evocadas pela obra de Hannah Arendt em *Eichmann em Jerusalém*. Já no primeiro capítulo intitulado: *A estranha natureza do Eichmann em Jerusalém – Uma reportagem sobre a banalidade do mal (1963) Choque e incompreensão* (pp. 20-24) Marques busca clarificar o percurso nem sempre pacífico acerca da dicotomia entre o mal radical de Kant e o Mal banal de Arendt. Para tanto, lida com os vários aspectos controversos que o livro *Eichmann em Jerusalém* de Arendt evocou.